

CAVALOS E MUARES NA II GRANDE GUERRA

Cel Vet ESTEVÃO CORREIA FILHO

É assunto debatido pelos conhecedores da arte da guerra o emprêgo da motorização nos Exércitos modernos.

Ao lado dos adeptos da motorização estão os considerados retrógrados, defendendo ainda a utilização dos cavalos e muares.

Nada serve porém, como os fatos reais, para demonstrar a existência dos animais na II Grande Guerra.

Está fora de dúvida que a utilidade dos animais é fato incontestado e seria supérfluo enumerar as ações variadas onde foram notadas as presenças dos eqüinos.

Deixaremos ao lado as deficiências surgidas, pela ausência do elemento hipo, principalmente devido às dificuldades de transporte de suprimentos e dos reconhecimentos em terrenos montanhosos, especialmente na Itália e também a inexistência de elementos rápidos necessários à perseguição do inimigo nesse tipo de terreno.

O Gen Patton e seus comandantes de Corpos e Divisões são unânimes em reafirmar a necessidade da existência de cargueiros em regiões como as da Sicília.

Confirmavam que os alemães não teriam escapado da Sicília e da Tunísia se tivéssemos uma DC com artilharia de dorso, porque a cavalaria hipo pode desenvolver velocidade em terreno montanhoso suficiente para perseguir e agarrar o inimigo e "até a mais poderosa infantaria e tanques podem ser vencidos e destruídos por ela".

É indiscutível, a necessidade do emprêgo de elementos hipo nas missões de reconhecimento e de combate.

A tal ponto foram evidenciadas essas necessidades que o General Truscott dizia que, se em San Stefano dispusesse de um Esquadrão de Cavalaria e de 200 cargueiros, teria capturado importantes forças alemãs e concluía categórico:

"Estou firmemente convencido que se a minha Divisão fôsse no futuro empregada em regiões semelhantes às da Sicília, seus cargueiros

e suas unidades montadas de reconhecimento e combate poderiam ser trocadas por seus pesos em ouro”.

O V Exército Norte-Americano, do qual a nossa FEB (Fôrça Expedicionária Brasileira) era subordinada, empregou no T.O. da Itália nada menos de 15 Companhias de Cargueiros, totalizando cêrca de 3.785 mulas, no transporte de suprimentos às Unidades em contato, onde, por efeito da neve e da lama, não podiam ir as viaturas auto.

Os muares mantiveram o abastecimento de munições de bôca e de tiro, na estrada de Cassino, quando as viaturas de 2 ½ ton, escavadeiras e carros de combate se recusavam a prosseguir.

Durante a luta nos Apeninos, a própria FEB viu-se diante de terrenos acidentados e sem estradas, ou com estas em precário estado, face às destruições procedidas pelas tropas alemães e italianas em recuo, com a finalidade de deter o nosso avanço.

Por vêzes, a nossa Tropa dispunha apenas de estradas secundárias, caminhos carroçáveis e trilhas de cabras e carneiros, transpondo morros e beirando precipícios.

Assim, era impossível a utilização de viaturas e os reabastecimentos e remuniamentos tornaram-se penosos, difíceis e quase impossíveis.

Foi então, que vieram em socorro os muares para serem empregados como cargueiros e assim transportavam a água, as munições e ainda as rações em marmitões térmicos, que conservavam os alimentos quentes.

Não menos expressivo foi o emprêgo do cavalo mais intimamente ligado às ações da guerra.

É afirmativa do Ten-Cel Veterinário dos EUA Willians Jennings, que foram empregados na II Guerra Mundial do Exército Americano 60.000 solípedes, ao passo que na Guerra de 14 o efetivo eqüino atingira o número significativo de 572.000 animais.

No Exército Alemão e sômente no 3º Exército Blindado Panzer, que atuou na frente russa de 41 a 45, foram utilizados cêrca de 80.000 solípedes.

Segundo Boucquet, os russos empregaram grandes unidades de cavalaria cossaca, constituídas por oito divisões de cavalaria hipo, dois corpos blindados e um corpo mecanizado, unidades estas que ficaram célebres na história do nosso tempo, por terem derrotado os alemães em Rostow e em Stalingrado (novembro de 1941) sucesso êste que levou o Marechal Joukow, ao criticar essas campanhas, a filiar o colapso dos exércitos alemães, na Rússia, principalmente na falta de cavalaria a cavalo.

Com efeito, a ação de duplo envolvimento nos arredores de Stalingrado foi efetivada por 3 DC e 1 DB de um lado e 2 DC e 1 DB de outro e originou em consequência a derrota total do VI Exército alemão.

Nas campanhas da Birmânia de 1943 a 1945, as forças norte-americanas, inglesas e chinesas empregaram em larga escala animais para o transporte de carga, mais devido a dificuldade do terreno, do que propriamente à falta de veículos motorizados.

Foram então nessa época transportados para o teatro de operações Indo-Birmânia, 2.682 animais por via aérea sendo necessários mais de 600 vôos, uma vez que a estrada da Birmânia não podia ser usada para o transporte de tropas destinadas à China, nem se podia pensar em levar essas forças através de selvas e montanhas.

Está sobejamente comprovada a existência dos cavalos e muares na II Grande Guerra.

Os grandes chefes que operaram naquelas regiões são unânimes em reconhecer a necessidade desses animais quando nas campanhas em terrenos acidentados e hostis.

É bem verdade que a indústria mecânica tem sido nestes últimos anos a maior competidora dos eqüinos de um modo geral.

O emprêgo e o aperfeiçoamento dos motores de explosão, elétricos ou térmicos tendem, na verdade, a afastar cada vez mais a espécie eqüina como meio de transporte, pressupondo-se por isso, que em futuro mais ou menos próximo, os eqüinos só serão utilizados nas regiões acidentadas, ou então nas subdesenvolvidas sem possibilidades de empregar economicamente a mecanização extensiva.



A DEFESA NACIONAL é a sua Revista
de estudos e debates profissionais. É a sua
tribuna. MANDE-NOS SUAS COLABORA-
ÇÕES!